A maior tiragem de todos os semanarios portuguezes

NUMERO 32 PREÇO AVULSO 1 ESCUDO 12 PAGINAS

O DOMINGO ilustrado

SEMANARIO
R. D. PEDRO V-18
TELF. 631-N. LISBOA

AGENTES EM
TODA A PROVINCIA
COLONIAS E BRAZIL

NOTICIAS & ACTUALIDADES GRAFICAS — TEATROS, SPORTS & AVENTURAS — CONSULTORIOS & UTILIDADES.

Tipos portuguezes: As lavadeiras saloias

(Desenho inedito da grande ilustradora Raquel Roque Gameiro Otolini).

Junto da infeliz população das nossas cidades, uma outra gente portugueza, mais livre e mais tranquila, vive e medra: o povo campesino e provinciano. A mulher saloia é um bom exemplo de trabalhador rural que apenas vem á cidade para o seu negocio.

O DOMINGO ilustrado
ANO I N.º 32
LISBOA 16 DE AGOSTO DE 1925
PROPRIEDADE DA EMPREZA *O DOMINGO Ilustrado*
REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS—R. D. Pedro V, 18—Tel. 631 N.—DIRECTORES: *LEITÃO DE BARROS E MARTINS BARATA* — EDITOR *LEITÃO DE BARROS*—IMPRESSÃO—R. do Seculo, 150

comentarios

A nobre arte

Tavares Crespo é um idolo do Porto. Trata-se dum português que possue alem dum beiço rachado a especial faculdade de rachar tambem os beiços dos outros. Pois por este divino dom o nosso compatriota, que derrotou em um minuto um famoso «boxeur» brasileiro, e acaba de ter colunas e colunas dos jornais cariocas em sua honra, depositou num banco algumas centenas de contos da nossa moeda, e vive á larga. Num paiz em que os genios completos morrem de fome, já não é mau para um rapaz que tem um «bocadinho de genio» . . .

O que as creanças cantam

Estas palavras vão direitinhas ao sr. Alexandre Ferreira. Não lhe regateámos elogios — nem lh'os regateamos — pela bela obra de solidariedade e filantropia para com as creanças de Lisboa a quem a sua acção tanto tem beneficiado. Pediamos-lhe apenas que não descure uma questão que, nem por parecer insignificante deixa de ter um consideravel valor moral. Ao dirigirem-se para as praias, as creanças entoam, sob o sorriso complacente das professoras, canções de «revista» bem pouco apropriadas e nem sem sempre com um sentido moral e . . . pedagogico . . .

Quando as creanças inglezas entoam canticos que os compositores, para elas propositadamente escrevem não será demais exigir que as nossas vão pelo menos caladas . . .

Eleições livres e honestas...

Afinal, todo este pagode em volta das cadeiras governamentaes, é pura e simplesmente um desinteressado amor pelo povo!

O sr. Antonio Maria da Silva queria governar porque desejava fazer umas eleições perfeitamente livres e honestas.

O sr. Domingos dos Santas queria governar porque desejava fazer umas eleições ainda mais livres e mais honestas.

O Partido Nacionalista, queria governar, idem, idem, ainda mais livres e ainda mais honestas.

A Acção Republicana, idem, idem, idem, ainda muito mais livres e ainda muito mais honestas.

O sr. Domingos Pereira afirma que está contentissimo porque pode fazer eleições, absolutissimamente livres e absolutissimamente honestas!

E, com tanta honestidade e tanta liberdade, nós já sabemos que as futuras camaras estão de ha muito encaixotadas e prontas, e só esperam a descarga . . . para descarregarem sobre nós! . . .

UM BOM LIVRO

—Desejo um livro bastante sentimental! Uma coisa que faça chorar!
—Para chorar? Então talvez lhe sirva o Livro do Dr. Luiz Cebola!

Má língua

A CARNE...

A grande Acção Naval do Mar da Palha,
Matapan, Azincourt, Hastings, Sédan,
a batalha que vive na Batalha,
Waterloo, Austerlitz, Iena, Wagram,

todas as guerras, mais ou menos púnicas
da Marathona á convulsão do Marne,
guerras de fardas, elmos, lanças, tunicas,
—não eguálam a lucta pela Carne.

Antes de mais, olhae que o meu pudor
se sente superior a qualquer critica.
Fallo da Carne que é o manjar melhor.
Fallo da Carne que se diz . . . politica.

Foi o caso que a «Epoca»*,—um jornal*
que tem de há muito os créditos assentes
e que fôra incapaz de dizer mal
sem rasões poderosas e evidentes,—

accusou o Sr. Marques da Costa
—que tem no Municipio um alto posto—
de olhar só para as couves de que gosta
—causando ás carnes o maior desgosto.

Talvez para obsequiar amigalhaços,
—que outra vantagem não se descortina
em vista dos presentes embaraços,—
mandou comprar o gado na Argentina.

E vae tudo irritado, e é um berreiro,
e anda a Lavoira numa contradança.
Realmente, a vir a carne do extrangeiro,
porque é que a não mandáram vir de França?

Assim, quem cóme bifes ao jantar,
—devido a esta medida deshumana—
tem a triste certeza de tragar
pedaços de vitélla americana;

e, como é natural, desse alimento
que a esophagos e estomagos derróta,
provém o mal-estar, nasce o tormento,
numa palavra,—géra-se uma bóta.

Tóca a arrepiar caminho! Se se entorta,
inda dá que fallar a situação!
—Marques que com a Carne não se importa,
é melhor desistir da importação.

Cabras, ovelhas, bois, vaccas, carneiros!
De que serve pagar-lhes as passagens,
dando pasto á ganancia de extrangeiros
co'o que temos em barda nas pastagens?

Aqui fica o meu vóto. Não faz rombo
na muy nobre mansão municipal?
Pois fique certa; ha de levar um tombo;
—que em todo o mundo não se encontra lombo
melhor do que o que abunda em Portugal!

TAÇO

questão prévia

SINTRA, como os senhores sabem, e uma vila que se distingue das outras vilas por ter um palacio com duas chaminés em bico, um ex-castelo dos ex-mouros, um outro palacio, chamado da Pena, pela pena que cada um de nós tem de que ele não seja nosso e ainda por ter uma serra, que parece feita de proposito para ser visitada pelos lisboetas de ambos os sexos e ultimamente por varias feras mais ou menos fantasticas.

Garrett chamou-lhe, com geral aplauso, «amena estancia». Lord Byron alcunhou-a de Eden. Eça de Queiroz, certamente evocando os velhos jornais besuntados de gordura que esmaltam a serra em dias de pic-nic popular, definiu Sintra como um «idilio com nodoas». Todas estas designações amaveis ou ironicas cabem com inteira justiça á povoação formosa, onde se vai lavar os pulmões e desobstruir a vista na contemplação dos largos horisontes. Um escritor moderno, porem, amigo da verdade e usando processos naturalistas não se contentaria, escrevendo a respeito de Sintra, com as alcunhas classicas, que retratando a paisagem e as emoções que ela provoca nada dizem, todavia, da impressão colhida atravez da carestia das subsistencias e meios de transporte.

Esse escritor amigo da verdade e gostando de chamar pelo nome aos bois, acrescentaria á lista uma nova designação: a de «Sintra, sucursal do pinhal da Azambuja».

Porque senhores, que tendes como eu, de vez em quando, o desejo de ir vêr Sintra, comer as suas queijadas e beber as suas aguas—se quereis passar um dia na ditosa povoação, almoçar, jantar, tomar um trem que vos leve ás iminencias onde os mouros se refugiaram ou onde os reis viveram, aprestai-vos com quinhentos escudos (faço calculos para duas pessoas) e tende a previdencia de comprar bilhetes de ida e volta, se não vos tenta correr o risco de voltar para Lisboa a pé ou repatriados á custa dum amigo.

A deliciosa Sintra dos poetas está hoje fora do alcance das bolsas menos liricas e é talvez por isso que o bucolismo na poesia está em crise, porque a maioria dos poetas lisboetas que cantavam a natureza e os seus encantos iam a Sintra beber a inspiração com a agua da Fonte dos Passarinhos.

O povo que tem uma noção mais pratica da vida, é que compreende como se pode ir a Sintra, passar o dia sob as frescas sombras e beber as frescas aguas. Vai de camion, em ruidosa excursão ou embarca modestamente em terceira classe, transportando em cestos, malas e embrulhos o farnel abundante, preparado em casa por um preço com que em Sintra escassamente pagaria um jantar, constando de sopa e um prato.

E folga e ri e bebe a plenos pulmões o ar da Serra e não paga impostos de turismo nem de assistencia. Para nós, que somos tolos em ir para Sintra fazer despesa e que, uma vez esfolados, lá voltamos, é que se deveria criar, alem daqueles impostos que largamente pagamos, mais duas taxas analogas: a de tolismo e a de insistencia, que era para vêr se tinhamos emenda.

IMPRENSA

Faz amanhã dozes anos de existencia o nosso presado colega «O Sport de Lisboa» que tem vindo defendendo nobremente a cultura fisica entre nós.

Por esse facto o felicitamos com sinceridade, desejando-lhe longa vida.

—Apareceu na quinta-feira o primeiro numero d'um belo jornal para creanças, editado pelos «Sports», e que se intitula «Os Sportsinhos». O seu exito foi enorme, o que não admira sabido que o dirige um notavel profissional do jornalismo: A. de Campos Junior.

écos

Um concurso de desenhos artisticos

Nem tudo corre torto nesta abençoada terra de Lisboa! Mau grado a rotina e o não te rales que preside a quasi todos os empreendimentos da cidade, de quando em quando, aparece alguem que, levado por uma boa e inteligente vontade, rompe um pouco com o dogma nacional «isso nunca se fez» e tenta mostrar que ha faculdades de apreço no nosso meio que só esperam ocasião de ser aproveitadas a despeito do indiferentismo criminoso da grande maioria da população.

Vem isto a talhe de um caso inedito entre nós e que marca fortemente uma vontade energica e um ponto de vista digno de todo o apreço.

O sr. Mario Ribeiro, um dos directores do «Bristol Club», pretende transformar a casa de que tem a direcção, dando-lhe o conforto, o gosto, a elegancia e as comodidades que essas casas gosam nos principaes paizes. E, emquanto se derrubam paredes, se encomendam quadros aos nossos melhores pintores, se estudam maneiras delicadas de bem servir, o sr. Mario Ribeiro que não despreza o detalhe para marcar uma unidade artistica, abriu um concurso entre os novos artistas para um emblema com que de futuro serão marcados os «menus», o papel, os cartões, as louças, etc. do «Bristol Club» oferecendo premios no valor de tres mil escudos (quantia nunca oferecida num concurso desta natureza) e ainda a compensação de comprar por cem escudos os melhores desenhos que passarão a fazer parte do «dossier» artistico das salas de leitura.

E' claro que, para os que não se interessam pela vida da Arte em Portugal, esta feliz ideia do sr. Mario Ribeiro passa como coisa de pouca monta, mas para nós e para todos aqueles que veem a arte morrer por falta de ambiente, para todos os que aplaudem com sinceridade uma ideia nova servindo um fim de apreço, não pode o caso passar de leve.

O sr. Mario Ribeiro, chamando á sua colaboração os artistas portuguezes, marca uma individualidade energica, decedida, forte em afrontar com rotinas e velhos usos e anciosa de fazer qualquer coisa ainda não feita. E' assim que se conquistam geraes aplausos, por isso nós, no nosso forte protesto contra as usanças que não deixam adiantar um passo fóra do ramerão, queremos fixar bem a atitude do sr. Mario Ribeiro, como nós um novo que, longe de cuidar de interêsses pessoaes e mesquinhos, abre com o seu concurso uma esfera de acção aos artistas portuguezes e é um nobre e inteligente exemplo de direcção moderna.

Não nos ligam ao concurso quaesquer afinidades dada a nossa modesta condição de escrevinhadores, por isso, o nosso aplauso á ideia do sr. Mario Ribeiro não esconde qualquer louvaminha nem pode servir de pretexto a uma encomenda . . .

Sinceramente, como gente nova, neste mesmo logar não perdemos ocasião de apontar mazelas. Com a mesma sinceridade não perdemos ocasião de aplaudir ideias ou factos que de qualquer maneira representam uma acção inteligente.

INVEJA

—Deixa-me cá! Julgas que sou como tu, que quando te doem os dentes os vaes pôr em cima da meza?

Sonho de uma noite de Agosto

(AOS MEUS COLEGAS NEURASTENICOS)

AQUELA ideia de me divertir uma noite, tinha-se agarrado á minha imaginação com a mesma gana com que uma lapa se agarra a uma rocha. Podia lá ser de outra maneira! Todos os outros impando de alegria e contentamento e eu metido para um canto da vida, sempre com cara de defunto anonimo, armado em espantalho das pessoas conhecidas, que fugiam apavoradas, cheias de enjôo e mal estar, á minha tristissima aparição de sensaboria andante!

Nada! Estava resolvido a pôr a coisa do avêsso!

Tomei um banho frio, mais uma vez verifiquei na algibeira a existencia material de duzentos mil réis e, enquanto escovava o casaco, puz-me a assobiar para crear ambiente. Depois fui buscar o meu bom-humor, um bom-humor ainda novo por falta de uso. Com palavras dôces comovo-o tanto, que ele cede em vir comigo.

Desci a escada aos pulinhos e fui para a paragem esperar um electrico. Sentia vontade de abraçar toda a gente e, mal podendo conter a satisfação que me minava por dentro, sorri para uma senhora de aspecto perfeito. A dama entornou um olhar de soslaio por cima do hombro e disse em segredo:
—Estupido!

Como já sabia por experiencia que os carros só paravam quando não eram precisos e para não perder a tenção que tinha de me divertir, comecei a lembrar-me de anedotas.

O meu bom-humor esteve vai não vai para me pedir para ir para casa mas, fiz um esforço e para o convencer, principiei a contar a dois e dois.

Quando já ia a duzentos e vinte e dois mil duzentos e vinte e seis, apareceu o carro. Trepei para os sovacos de um cavalheiro que ia na plataforma, deixei que uma velhota me enfiasse um cabo de sombrinha por um ouvido, e não me importei que mais oito pessoas tomassem os meus pés á conta de alcatifa.

A cada solavanco do carro, eu tinha que segurar o meu bom-humor pelos cabelos, em razão de um velhote coxo que se tinha colado ás minhas costas e que não perdia a oportunidade para me pregar com a perna de pau mesmo em cheio nos rins.

Com a sacagem das notas das algibeiras, apanhei uma saraivada de cotovêlos em todo o corpo que julguei que ficava transformado em passador de tomate.

Fingi que não ouvi a maneira mal-educada como o condutor me gritou o:—Para onde deseja—e quando puz o pé em terras do Rocio, respirei contente!

Enfim! Agora estava no coração da cidade! Palpei os duzentos mil réis e disse para o meu bom-humor:—Agora é que vai ser divertir!

Enfiei para a Avenida e logo á entrada, ia-me atascando num monte de pedras que a falta de luz não me deixava vêr. Para principiar sentei-me numa das cadeiras de verga que por ali abrem os

braços suplicantes ás pessoas que passam e deliberei tomar um refresco preparador de grandes emoções. Bati as palmas e, pelas minhas contas já devia estar a fazer uma ovação ha duas horas, quando me surgiu o creado que me disse com cara de poucos amigos:
—Já ouvi. Que é que quer!?
—Uma limonada.—disse sorrindo, o que me valeu o homem voltar logo costas mormurando:—Sucia!

Disse ao meu bom-humor que tapasse os ouvidos áquela insolencia quando de repente, sem o menor aviso, sem o mais pequeno sinal anestesiante, um flautim começa a gritar como se lhe tivessem pizado o rabo.

Ainda gritei ao meu bom-humor que disfarçasse mas foi-me impossivel conte-lo.

Desarvorou pela Avenida fóra e só o consegui agarrar ao pé do Largo da Anunciada. Tomeia-o com cuidado, fiz-lhe ver a necessidade de ser razoavel, de não me deixar fazer uma triste figura de eternamente arreliado, de mostrar ao menos uma vez que não era um objecto de decoração mortuaria e, ao cabo de varia argumentação consegui reboca-lo de novo.

Entrei no Parque Mayer e ahi, ia-me fugindo de novo ao quinto encontrão que apanhei na bicha do «guichet» dos bilhetes de entrada. Decedi não o largar mais de mão por causa das duvidas e subi a primeira rua.

—Agora aqui é que vai ser divertido!—exclamei, e dei ordem a todos os cinco sentidos para estarem atentos á primeira voz.

Como não queria tirar o retrato, passei por uma fotografia sem ligar importancia e fui cahir n'uma barraca onde uma menina me vendeu uma rifa. Esperei meia hora que andasse a róda e por fim tive a consolação de vêr que um meu colega da loteria era contemplado com uma almofada para cama de casal muito propria para deixar por esquecimento em qualquer loja. Subi mais e fui esbarrar com outra fotografia. Abandonei aquela arteria e cahi em cheio sobre outra barraca de rifas onde um bombeiro me entregou por dez tostões um bilhete que dava direito a receber uma surpreza.

Esperei um quarto de hora, e com efeito, tive a surpreza de vêr que a minha rifa saia branca.

Dei uma volta mas como reparei numa outra barraca de rifas, cortei á esquerda e por um pouco que não entro para outra fotografia. O meu bom-humor já de ha muito que esperava a primeira ocasião para se esgueirar. Percebendo-lhe o intuito, voltei para uma ladeira e vou mesmo cahir de chapa sobre outra barraca de rifas. Encolho-me e quando volto a cabeça enfio-a por uma montra de outra fotografia, recuo e entro por uma barraca de farturas que me perfuma todo de azeite queimado, ladeio para a esquerda e por um triz não esbarro na objectiva de uma maquina fotografica, esgueiro-me para a direita e vejo mesmo á frente dos olhos um bilhete de uma rifa. Quando estou n'este aperto o meu bom-humor aproveita o momento para fugir de novo. Como louco corro atraz d'ele e, depois de muitos prometimentos consigo deitar-lhe a mão á porta do «Maxims». Convenço-o ao cabo de muita ladainha e para o satisfazer, delibero entrar no club mas na escada, um amigo avisa-me de que lá em cima estão apenas duas raparigas que dormem, um «jazz-band» que toca e um inglez que bebe. Delibero entrar noutro Club mas, mal transponho a porta, tenho que me agáchar todo, para não receber em plena cara com uma bofetada que vinha a descer a escada nas pessoas de dois rapazes finos.

O meu bom-humor já não ha quem o aguente. Grita-me que o largue, que o deixe ir domir.

Entro n'um café mas uma conversa de politica n'uma mesa ao lado, irrita tanto o meu bom-humor que sem me dar tempo, esgueira-se a galope direito ao Rocio. Corro atraz d'ele mas uma carroça do lixo, encarregada de espalhar microbios por meio de escova, tolhe-me o passo.

Arreliadissimo, sem saber que é feito go meu bom-humor que eu com tanto cuidado trouxera de casa, vou esperar o electrico. Reparo porem no relogio e vejo que áquela hora já não ha carros.

Mal disposto, sentindo a sensibilidade a ranger os dentes de raiva e te-

dio, trepo até casa. Quando meto a chave á porta digo coisas que, se as ouvisse um policia da segurança do Estado, eu tinha toda a razão para no dia seguinte ir veranear para a Guiné.

Ao deitar-me dou com o meu bom-humor metido a um canto, de beiço cahido.

—Hasde vir falar-me outra vez em ir passear!...
—Mas... bem viste... eu fiz a deligencia...
—Lerias! Estou mal contigo!
—Mas ouve...
—Deixa-me! Não te falo mais!

E realmente, eu que o conheço bem, acho-lhe carradas de razão para não querer mais conversas...

DESCOBERTA

—Já sei onde meu marido passa as noites! Hontem fiquei em casa e ele estava lá!

FRANQUEZA

Foi este o seu primeiro roubo, e você não teve medo quando arrombou o cofre?
—Tive! Tive medo de não lhe encontrar nada dentro...

Sports

O caso do Sporting Club de Portugal

No nosso passado numero, fizemonos eco e comentamos, com a cinseridade e o desassombro que estão em todas as linhas deste jornal, um facto inedito na vida do sport nacional, como seja o da passagem «em bloco» das vedettas dum club para outro.

Os melhores principios de moral sportiva dictaram essas palavras.

O Sporting Club de Portugal, em cuja direcção estão individuos que nos merecem toda a consideração pessoal —Club a que estamos ligados por funda simpatia, como grande organismo sportivo que é—não pode ver no nosso vehemente protesto senão uma atitude critica que apenas deseja o seu proprio prestigio.

As informações foram-nos fornecidas no local donde nos podiam vir mais seguras. São falsas? Fomos iludidos na nossa transparente boa fé?

Ninguem terá mais alegria nem mais alvoroço em as desmentir e em restaurar como é mister o credito dos processos e da conducta do Sporting Club de Portugal.

* * *

Já depois de compostas estas linhas sobre o referido incidente, quiz o acaso que falassemos com o Sr. Stromp, amigo desta casa, figura de respeitabilidade e que é da Direcção do Sporting.

Desde já, depois dessa troca de palavras, podemos afirmar que fomos victima duma informação falsa e dada de má fé, porquanto o Sporting nunca pensou em semelhante assumpto, lastimando nós apenas que as pessoas que tinhamos na conta de verdadeiras, em tão pouca consideração tomassem o valor das suas palavras—não desistindo no entanto nós de as chamar á respectiva responsabilidade.

E seja-nos licito fazer esta consideração geral: a jornalismo português está sendo invadido por individuos que se não sabe donde vêm nem quem são e a cada passo comprometem a ação da imprensa honesta e livre.

OS SPORTS NA PROVINCIA

(DOS NOSSOS CORRESPONDENTES ESPECIAES)

PORTO

Provas de atletismo

PORTO, 18—O Concurso organisado pelo *Nun'Alvares* não teve a recomenda-lo uma bôa organisação; pelo contrario. Contudo, manda a verdade dizer, que a culpa de assim ter sucedido, não cabe toda aos organisadores. O publico foi o principal causador das barafundas que por vezes se armaram.

Durante a realisação das provas de maior interesse, a pista era invadida, na ancia de se arranjar o melhor lugar junto á chegada e terminada a prova todos se achavam autorisados a apresentar alvitres e a dar ordens dificultando assim a missão do juri com as suas disparatadas e faciosas opiniões.

* * *

No entanto no meio de tanta confusão alguma coisa de bom se fez. Bateram-se alguns records de Portugal e egualou-se um. Gentil dos Santos o grande sprinter do Internacional foi sem duvida o grande triunfador do torneio.

Bateu o record dos 400 e 200 metros e egualou o dos 100 m. O enorme esforço que efectuou para conseguir terminar a corrida de estafetas 4 x 100 dão-lhe direito á nossa admiração. Honrou-se, honrando o club que representou.

Honorio Costa tambem se salientou em todas as provas a que concorreu; as suas opiniões energicas e desassombradamente ditas conquistaram-lhe a simpatia do publico portuense

O Sporting não foi muito feliz com os concorentes «estra» que apresentou. Não sabemos, nem nos interessa, se o que se disse a este respeito é a expressão da verdade, porem o que é certo é que desses concorrentes só um conseguiu o 2.º lugar.

* * *

Na legua a equipe dos Vendedores de jornais confirmou o seu valor. Para não causar melindres não diremos o que um dos seus componentes nos disse ácerca daqueles que abondoram o seu modesto mas trabalhador club.

* * *

Na final dos 100 m. o juri, a nosso ver, errou. O 2.º a cortar a meta foi Guerreiro Nuno do Internacional e não Salcedo do Sporting.

* * *

A fita metrica usada para a medição dos lançamentos estava em pessimo estado. Portanto é provavel que os resultados, que tiveram de ser medidos de fracções, não sejam exatos.

Em virtude da falta de espaço não inserimos as classificações geraes das provas.

R. ENCARNAÇÃO

Vendas Novas

As festas do Estrela F. B. Club

Realisou-se nesta vila nos dias 8 9 e 10 as festas sportivas organizadas anualmente pelo club local Estrela Foot-Ball Club.

No dia 9 teve lugar o desafio de foot-ball entre o Estrela e o Moitense saindo vencedor o Moitense pelo elevado score de 5-0 sem que vencido ou vencedor nos tivesse dado o prazer de presenciar-mos o foot-ball associon.

Depois do desafio realisaram-ae as corridas de 100 m. sendo ganho o 1.º premio por Oliveira do S. B. S. S. seguiram-se as corridas de resistencia (5000 m.) e de bicicletes sendo ganha a 1.ª por Pacheco do Estrela e a 2.ª por Mariano Luiz tambem do Estrela.—C.

Sines

Varias noticias desportivas. Foot-ball, Regatas e Natação

Um grupo mixto de jogadores de 1.as categorias de Setubal, encontrar-se-ha em Sines com as 1.as categorias do Sport Club Sineense, nos dias 30 e 31 do corrente. Reina grande entusiasmo por estes encontros, dada a classe do grupo visitante.

No proximo mez de Setembro, por ocasião das grandes festas a N.ª S.ª das Salvas, realisam-se em Sines importantes regatas, concurso de natação e outros numeros sportivos, disputando-se valiosos premios, sendo alguns em ouro.—C.

Encontro de Foot-Ball

Realisou-se nesta localidade um encontro de Foot-Ball, cujo produto reverteu em favor do Hospital da Misericordia.

Foram adversarios o «onze branco» e o «onze preto», compostos por jogadores de 1.as categorias do Sport Club Sineense.

Venceu o «onze preto» por 4 «goals» a 0, depois d'um jogo renhido e disputado com entusiasmo.—C.

Torres Novas

Na Golegã realisou-se hontem um desafio de Foot-Ball entre o Torres Novas Foot-Ball e uma seleção com jogadores do Operario de Santarem, Parque Automovel Militar do Entroncamento e Sporting da Golegã.

Perdeu o Torres Novas por 5-1 depois duma arbitragem o mais parcial possivel a cargo dum Goleganense.

Os rapazes do Torres Novas foram pessimamente recebidos.—C.

Para os nossos pobres

Transporte	78$00
Uma alemtejana	1$00
Nero	$50
Vasconcelos	1$00
Pansus	1$00
Sereia de Pedra	1$00
Vasco de Souza	$50
A. M. Neto	1$00
A transportar	84$00

A revista "De Teatro"

Acaba de sair mais um volume da revista «De Teatro», a nossa grande publicação do genero, e que insere alem da peça «Sherlock», original de Alvaro Lima e Chagas Roquete, um punhado de bons artigos e grande reportagem grafica.

Aproveitamos o ensejo para saudar o nosso amigo Mario Duarte pela portaria de louvor que lhe passou o ministerio de Instrução em atenção aos seus serviços no extrangeiro em prol do teatro português, e que bem proficuos foram, uma vez que deram origem á Sociedade de Escriptores Teatraes.

O NOSSO CONCURSO DE FOOT-BALL

Qual é o jogador de foot-ball mais correto, cujas atitudes mais assombram pela elegancia, pela linha, pela audacia?

Eleito:

Eleitor:

EXPEDIENTE

Aos nossos agentes de Lisboa

Prevenimos os nossos estimados agentes de Lisboa de que só aceitamos sobras de jornais referentes ao mez em que se liquidam as contas e não de numeros atrazados.

Mais prevenimos de que as tabacarias que cederem a vendedores avulso jornais para aparecerem ao publico ao sabado, serão imediatamente eliminadas de agencias.

A ADMINISTRAÇÃO

Cinemas, teatros e circos

O TEATRO E A FALTA DE BRAÇOS NA AGRICULTURA...

Os actores e o desemprego

Causas remotas duma tragedia recente

A epoca de inverno que se avisinha já anda provocando sustos a muita gente. Se o verão é mau para os que representam, parece que o proximo inverno promete ser muito peor e o panico anda já correndo entre as fileiras dos desempregados, que não vislumbram probabilidades de contrato.

A meio da epoca de verão, temos nada menos de seis teatros fechados e, dos que funcionam, só dois se poderão aguentar até final e á custa de muitos sacrificios.

CRISE!—Dizem os que se esquecem de ir ver como os teatros melhor orientados, teem as casas cheias.

CRISE!—afirmam os que, habituados ao contrato facil, não se lembram que, para se ser actor, é preciso representar.

E afinal, a historia da embrulhada, d'este medonho salsifré, da provavel miseria, é simples como agua clara:

* * *

Aqui ha trez para quatro anos, havia muita gente que ganhava dinheiro sem se ralar muito. Qualquer venda, qualquer trato, enchia dez ou doze algibeiras de notas e, como o dinheiro era facil, a pandega em rasgada.

Abarrotavam os Clubs e os teatros enchiam sempre, fosse o que fosse que se representasse e não importava com que actores e actrizes. Abria-se o teatro e o publico afluia em massa, inconsciente em gastar o dinhelro ganho sem grande trabalho.

As emprezas multiplicavam-se, as casas de espectaculo eram disputadas em balburdia, as «tourneées» eram em grande numero e, como para tudo isto eram precisos muitos actores e actrizes, e como o emprego era bem pago, vá de forjar interpretes por uma pá velha, sem tom nem som, quasi se pode dizer que em «serie».

As «estrelas» debutavam já «estrelas», os grandes actores apareciam já enormes e, como o publico ocorria sempre, ninguem reparava que mais tarde ou mais cedo aparecia um grave problema o resolver: o da abundancia de actores e actrizes... sem geito.

Mas, como as nossas administrações se habituaram, ha uns tempos para cá, a não ligar importancia ás coisas que a teem e a seguir um criterio muito apreciavel sob o ponto de vista idiota, as coisas foram correndo á vontade sem uma unica previsão, sem a mais elementar preocupação sobre o queviria a ser o dia seguinte.

E hoje que o dinheiro não abunda, agora que os capitalistas teem visto o capital desaparecer em explorações ruinosas, que o publico já não acode porque alem, de já se não ganhar facilmente tem sido torpemente «intrujado», os teatros teem ido a baixo e os actores e actrizes que o foram por um bambutrio de ocasião, encontram-se sem meios de angariar o sustento e apavorados com o dia de amanhã.

Emquanto o teatro foi uma arte, poucos eram os que deliberavam vir pisar o palco, mas depois que o ser-se actor passou a ser egual a não fazer nada e receber um ordenado que dificilmente se consegue trabalhando muito, todos os que se sentiam com «vocação» para a prebenda, vieram encher os palcos, fugindo á pesada trabalheira do escritorio, do balcão ou da oficina.

Depois o ambito da exploração, foi-se apertando. O Brasil, a grande solução de muitas epocas atormentadas, o refugio de muitas explorações infelizes, fechou-se para as companhias portuguezas, morreu para a arte dramatica nacional. Bem se disse, quando as companhias que iam em «tourneé» ao Brasil eram arranjadas com uma falta de criterio criminosa, que isso só serviria para nos fechar o mercado brasileiro. Ninguem ouviu, ninguem cuidou de atender esse ponto de maxima gravidade e hoje, que já não ha remedio, hoje que o publico brasileiro, com inteira e sobejada justiça, não quer ver o teatro de Portugal, é que os «grandes» administradores e os «sublimes» organisadores, olham com tristesa esse manancial que secou.

Nunca, entre a gente de teatro, se levantou uma tentativa de protesto, quer em nome da Arte, quer em nome do oficio, contra essa conduta que apenas servia um unico fim particularissimo. Jamais a A. C. T. T. reuniu para tratar esse assunto de tão grande interesse. Não! As reuniões da A. C. T. T. apenas mereciam algum interesse á classe quando havia a certeza de zaragata escandalosa. E, sem um unico freio, sem uma tentativa de fiscalisação, as companhias marchavam para o Brasil, entestadas pelos tantos contos que ganhava a primeira figura, como uma horda de barbaros da Arte, sem consciencia do crime que ajudavam a cometer!

E agora, reduzidas as explorações aos teatros de Lisboa e Porto, com duas ou trez excursões á provincia que, nunca poderão alimentar uma companhia, os actores e actrizes choramingam desditas, com a miseria a bater á porta, sem se lembrarem que são eles os unicos responsaveis de tudo, sem se lembrarem que, emquanto, andavam em pugnas de vaidade, a classe teatral que tinha valores, foi inundada e absorvida por uma multidão de gente que fugia ao trabalho e que n'um pronto espalhou a indisciplina, a inconsciencia do dever, estrangando tudo malbaratando uma profissão artistica e elevada.

* * *

Hoje estamos nisto: Não ha crise de trabalho, ha sim gente a mais para o nosso meio. Não ha actores desempregados, ha sómente creaturas que uma ocasião favoravel fez actores e actrizes mas que, não tendo condições artisticas só o podiam ser n'uma epoca anormal tumultuaria, sem nexo.

São esses os que no proximo inverno terão talvez de procurar melhor vida se não quizerem figurar n'uma velha e conhecida peça: «Os martires da fome».

Z.

SOCIEDADE ONDE A GENTE SE ABORRECE

Continua a sua brilhante carreira no Eden-Teatro a grande fantasia de André Brun, que é sem duvida o espectaculo que maiores atrativos reune hoje, como explendor, como alegria, e como mocidade.

O grupo de gentilissimas atrizes e o corpo coral são o que melhor tem aparecido nos nossos palcos.

cá por dentro

—Uma das primeiras peças que a companhia Rey-Colaço Robles Monteiro, porá no proximo inverno no Politeama, é a comedia de Nicodemi—«Madrugada, dia e Noite» em tradução de Augusto Gil e com montagem de arte, dirigida por Leitão de Barros.

—Feliciano Santos e Lourenço Rodrigues estão escrevendo uma comedia—«Os Lobos da Serra de Sintra».

—Confirma-se a entrada de Bento Mantua para administrador do Teatro Nacional. Deverá ficar Antonio Pinheiro como director de scena.

—Intitula-se «Banco»! a comedia que, em tradução de Acacio de Paiva, será representada por Palmira Bastos no Teatro do Gymnasio. A Sociedade de Decorações Scenicas fará a montagem completa, com o maior luxo, no gosto da arte moderna, dessa peça.

—Nicolino Milano volta a dirigir a orquestra do Tivoli, no proximo inverno.

—Chama-se «Pobre Diabo»—uma nova peça da Parceria, com que estreará o Eden na epoca de inverno.

—A actriz Ilda Stichini, regeitou um contrato muito vantajoso para ingressar como primeira figura duma companhia de «vaudeville» e comedia.

—Deve sofrer grandes alterações o elendo da Companhia Lucilia Simões—Erico Braga.

—Ao escriptor Luna de Oliveira que possue uma admiravel vós de tenor, foi feita a proposta para ingressar num teatro de opereta, proposta que não foi ainda aceite.

—A actriz Hortense Luz foi contratada para o Teatro Maria Victoria, no proximo inverno.

—Projeta uma proxima viagem ao Brasil o escritor André Brun.

—Foi contratada para o Eden-Teatro a cantora Jalziza de Sousa.

—Foi anulado o contrato do actor Santos Carvalho para o Eden-Teatro.

—Para o teatro da Triadade foi contratada a actriz Mecia Rente.

—Partiu para as Caldas da Rainha o escritor Feliz Bermudes.

—Foi contratado para o Eden-Teatro o actor Joaquim Prata.

—Para o mesmo teatro foi contratada e a actriz Lina Demoel.

Maria Victoria

A peça de actualidade, tão queria do publico, «Rataplan» com Laura Costa, a encantadora divette em numeros novos e sempre repetidos.

S. Carlos	S. Luiz	Salão Foz	Avenida	Politeama	Eden	Nacional	Apolo
Fechado temporariamente.	Fechado temporariamente.	As maiores atrações de Music-Hall. Alexandre de Azevedo.	Brevemente Maria Matos-Mendonça de Carvalho.	Enchentes com o Leão da Estrela da Parceria, com Chaby.	Admiravel espectaculo. A grande revista de André Brun. «A cidade onde a gente se aborrece.»	Fechado temporariamente.	Brevemente nova Companhia Dramatica, com Ilda Stichini e Rafael Marques.

UMA NOVELA DE AVENTURAS COMPLETA

Uma vida por quatro contos

Pequeno episodio que agrada pela singeleza e pela franca discrição. Dialogo humano e entrecho invulgar. Leia que se distrae um pouco.

PINTO Soares, o director-gerente do Banco, acabou de assinar as letras e já se dispunha a sair, quando um empregado abriu a porta do gabinete:

—V. Ex.ª dá-me licença?

—Que temos!

—Está ali um homem que deseja falar a V. Ex.ª

—Que especie de homem?

—Parece um pretendente!

—E vem você incomodar-me com isso...

—Mas o homem insiste em querer ser recebido por V. Ex.ª!

—Diga-lhe que estou ocupado, que não o posso atender!

—Já lh'o disse umas poucas de vezes, mas o homem garante que não sae sem ser recebido por V. Ex.ª!

—Ou V. Ex.ª me empresta os quatro contos ou eu meto um tiro na cabeça...

—Mas que demonio quer ele?

—Não sei sr. Soares! Afirma que o que tem a tratar é só com V. Ex.ª!

—Bem! Mande lá entrar! Mas espere ahi! Pelo sim pelo não...—e tirou de dentro d'uma gaveta uma pistola que escondeu sob uns papeis em cima da secretaria.—Você, quando ele entrar não saia!

—Sim senhor!

—A's vezes o diabo é surdo e nunca é bom fiar! Mande lá entrar o homem!

O empregado sahiu e pouco depois dava entrada a um rapaz ainda novo, extremamente palido, de fato um pouco coçado e que, humildemente fez uma pequena reverencia á porta:

—Entre!—disse Pinto Soares—Que deseja?

—Eu... desejava falar em particular com V. Ex.ª!

—Pode falar, esse empregado é de confiança!

—Pode merecer toda a confiança a V. Ex.ª mas a mim...

—Não importa! diga o que quer e depressa que não posso perder tempo!

—Peço-lhe o favor de me deixar asós com o sr. director!—disse o rapaz voltando-se para o empregado.

—Seja! O' Silva va ali para fóra, mas não se afaste que temos de ver isso das letras!—e Pinto Soares, olhou significativamente para o empregado dando-lhe a entender que não se afastasse da porta.

—Se V. Ex.ª me dá licença, sento-me.

—Sente-se mas diga depressa o que quer! Já estamos sós!

—Perfeitamente: Como V. Ex.ª vê, eu estou bastante doente. Era empregado na Companhia do Gaz mas, como tenho familia e o que lá ganhava não chegava para o seu sustento, fiz serões de escrita em varias casas! Uma manhã não ppoude levantar-me do leito e dois mezes depois minha mulher empenhava os unicos brincos que tinha afim de comprar remedios para a minha doença...

—Já percebi!—interrompeu Pinto Soares—Deseja que a casa lhe dê qualquer coisa!

Nós não estamos em condições de o fazer! Temos os nossos pobres, subsidiamos varias casas de caridade... Mas emfim, particularmente eu...

—Perdão! Se V. Ex.ª me dá licença eu continuo!

—Mas eu é que não posso perder tempo!

—São apenas cinco minutos! Ha um mez que em minha casa não se acende luz porque não temos dinheiro! Comemos por caridade d'uns vizinhos, meus filhos não podem ir á escola porque não teem calçado, eu quasi não posso dar um passo e para cumulo, minha mulher adoeceu tambem! Os medicos afirmam que se eu não vou imediatamente para fóra morrerei, deixando minha mulher doente e com dois filhos, um de sete outro de oito anos...

—Mas a casa não pode...

—Dê-me licença. O que venho dizer a V. Ex.ª é apenas isto: Preciso de quatro contos para me curar e para sustentar os meus. V. Ex.ª emprestamos e eu paga-los-hei logo que possa...

—Essa tem graça! E fiador?

—Não tenho! Não tenho nada...

—Então...

—Então se V. Ex.ª não me empresta esse dinheiro até de hoje a oito dias, eu meto uma bala na cabeça.

—Ah! Percebo é uma «chantage»!

—Será o que V. Ex.ª quizer. Ou me empresta os quatro contos ou eu irei matar-me junto dos degraus da porta da sua residencia.

—Você está doido!?

—Não senhor. E agora não lhe tomo mais tempo. V. Ex.ª pense e amanhã venho pela resposta.

E o rapaz sahiu deixando Pinto Soares atonito com a aventura.

* * *

Quando Pinto Soares, depois do jantar, contou o caso á esposa foi a unica que não riu e, quando mais tarde se encontrou a sós com ele, aconselhou:

—Dá os quatro contos ao homem!

—Estás louca? Estava arranjado da minha vida!

—Mas se ele se suicida...

—Não tenhas medo! Aquilo é uma esperteza que não péga! Tinha que ver!

* * *

Mas que demonio de ideia aquela! Ele não podia ir agora entregar quatro contos ao primeiro homem que lhe aparecia a dizer que se matava! Mas tambem... o cadaver estendido nos degraus da porta, o espectaculo, as noticias dos jornaes do dia seguinte... Depois toda a gente criticaria e, que demonio, sempre era a morte de um homem! Mas isso sim! Aquilo era apenas um estratagema habil de apanhar o dinheiro! E havia o recurso da policia ainda! Nada! Decedidamente não valia a pena pensar no caso.

E Pinto Soares apagou a lampada da meza de cabeceira e preparou-se para dormir. No entanto... demonio de ideia aquela! E logo quatro contos! Justamente quando o Banco estava n'uma má situação! Ora, lerias! O homem matava-se lá! Custa muito a morrer! Pois sim! Não pensaria mais no caso, era o melhor! Mas já a manhã entrava pelas frinchas das janelas fazendo bailar em filigramas de luz as cobertas cáras dos moveis e ainda Pinto Soares não conseguira adormecer nem tomar uma resolução definitiva sobre o assunto.

* * *

—Venho saber se V. Ex.ª já resolveu o meu caso!—disse o homem palido.

—Rssolvi! Resolvi mandar prende-lo!

—Está bem! E quem toma conta da minha familia?

—Que tenho eu com a sua familia? que tenho eu comigo?—e Pinto Soares rompeu n'um assomo de colera.—Você não tinha mais ninguem a quem se dirigir? Logo me escolheu a mim! Porquê? Porque não foi a outra casa? Que mal lhe fiz eu? Mas está enganado se julga que leva d'aqui cinco reis! Eu não tenho medo! Fique sabendo! Ora está!? E saia antes que eu perca a cabeça!

—Pelo que oiço V. Ex.ª resolveu não atender o meu pedido?

—Sim senhor! Não quero saber de desgraças! Que tal está, hein?! Logo me escolheu a mim! Não se lembrou de mais ninguem!

—Não se exalte senhor Pinto Soares. Não vale a pena! Dou-lhe a minha palavra de honra que quando V. Ex.ª estiver a jantar me suicidarei junto da sua porta! Muito boa tarde!—e ia a sahir quando Pinto Soares tomando-o violentamente por um braço lhe gritou.

—Não sei o que me contem que... Fique sabendo que não tenho medo de ameaças! Que me importa que o senhor se mate?

—Nada, bem sei.

—Mas com mil diabos! Que demonio quer você! Quer dar comigo em doido?

—Peço a V. Ex.ª que me deixe sahir.

—Não o largo! Por sua causa não durmo, não penso senão em você! Qus mal lhe fiz eu? Mas eu endoideço! O melhor é acabar com isto por uma vez! Que é que você quer? São quatro contos? Pronto!—e abrindo uma gaveta tirou um maço de notas que lhe estendeu—Tome e desapareça da minha vista! Não o quero ver mais na vida! Irra! Saia! Saia já!

—Muito obrigado, eu pagarei!

* * *

Dois anos depois, quando Pinto Soares ia uma tarde a sahir de casa, aproximou-se um rapazote de dez anos que lhe entregou uma carta juntamente com um ramo de flores. Pinto Soares abriu o envelope e leu

«Ex.mo Senhor: Junto a ultima prestação dos quatro contos que me emprestou, duzentos e cincoenta mil reis. Permita que lhe ofereça essas flores á falta de melhor testemunho de gratidão. A. F.»

... um homem suicidando-se á sua porta...

Quando Pinto Soares se voltou para ver o garoto este já ia longe e nem olhava para traz.

Aquele que viu...

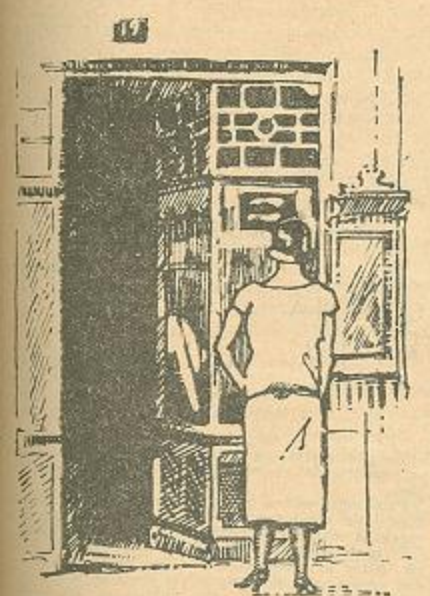
UMA NOVELA SENTIMENTAL COMPLETA

O PAR DE SAPATOS

Pagina da vida lisboeta, com seu pungente tom de romantismo de melancolia, mas que acaba, com sorriso de felicidade.

E' preciso conhecer certas figuritas da burguesia lisboeta para achar sabor a esta pagina do «Domingo». E' preciso conhecer a nossa «midinette», morenita saltitante da Baixa, que sai como os pardalitos de manhã, pela fresca, com o cestinho do «lunche», e recolhe á tarde, galgando o Chiado doirado do ultimo sol, a ouvir o zumbido sensual dos dichotes quentes que lhe ardem na pele como ferruadas, e a excitam depois nas noites claras da travessa, olhando os gatos estirando-se pelas valetas, sob o luar macio.

* * *

A' Suzana era caixeira duma perfumaria do Chiado. Desde miuda andava na Baixa, aos recados para uma modista da Rua Augusta, mas, mais tarde, não auguentara a tarefa extenuante da maquina, e entrara para caixeira, por saber bem de contas, e por ter com aquele palminho de cara um geito agradavel no olhar—que as caixeiras querem-se bonitas, pois ha muito quem compre sem ver o que leva, e olhando fito apenas os olhos que vendem...

Parou defronte da pequenina loja do Loreto a ver os sapatos lindos . . .

* * *

Não tinha grandes vaidades a pobre Suzana. A «rouge» da loja, que ela tinha ali ás arrobas, e o pó de arroz, que as mulheres compram ás caixinhas e que se fabrica ás toneladas, tinham-lhe emprestado um certo ar «coquette» que lhe ficava bem.

Mas o seu luxo, a sua graça, o seu capricho, eram os pés!

Andava sempre calçada como uma rainha. Podia a blusita ser mais desbotada, mais esgarçada a pobre saia de trabalho, mais amachucado o chapeu; mas os pés—esses trazia-os ela sempre nervosos, chiquissimos, elegantes, minusculos, como patinhas de arveola, e dir-se-ia que não tocavam ao de leve o chão, sobre o salto torneado como uma joia, e alto e brilhante como se fôra de louça...

* * *

Nos insondaveis meandros da nossa sensualidade ha ainda casos que escapam aos tratadistas de nome—E eu julgo bem que esse pobre Sr. Elias da perfumaria—o patrão de Suzana—era um desses casos estranhos de morbida sensualidade, com que a natureza desafia a sciencia dos homens.

Quando Suzana ficou ao serviço, logo o Sr. Elias a distinguiu com melhor ordenado, e com disvelos especiais a que a rapariga atribuiu de mau agouro.

E, foi uma vez que o surpreendeu no cubiculo onde deixava o chapeu e o calçado durante o dia, olhando e remirando o seu parsinho debil de sapatos, que Suzana reparou nessa estranha predileção do Sr. Elias...

Verificou então que, de soslaio, ele cravava sempre o olhar cubiçoso nos seus pés, e que os olhos lhe brincavam doidos nas orbitas, seguindo sobre o chão os seus pequenos passos, o estalar do saltinho ligeiro sobre o «parquet» da loja...

* * *

Na loja o Mauricio era apenas um marçano. E, podia ser mais alguma coisa, se não fôra aquela timidez de feitio, que fazia pôr os seus grandes olhos no chão, como uma mulher—ele que tinha o corpo dum latagão e uma alma de creança.

Desde o primeiro dia que Suzana percebera, no tremor das suas mãos, na paixão dos seus olhos, que Mauricio lhe queria intimamente.

Não houvera uma palavra, ele quasi nem sequer a olhara, receoso, mas havia em todo ele alguma coisa que Suzana sentiu—: amor!

* * *

E, foi numa tarde quente de Julho, quando a loja não tinha ninguem, que Suzana se acercou dele, e lhe disse. muito baixo:

—O sr. Mauricio anda triste...

—Eu?!

—Sim, anda.

—E a menina Suzana reparou nisso... Nunca ninguem repara em mim!

Mas, entrou um freguez, e a conversa estacou.

Só á tarde, ao correr as portas onduladas, Suzana e Mauricio marcaram o primeiro encontro...

* * *

Foi uma semana toda de ternura aqueles primeiros dias do namoro de Suzana e Mauricio.

E, não fôra a doença da mãe, que dias depois caira de cama, e mais se prolongaria essa felicidade, modesta e recolhida, sem escandalo de exibições, mas tão sincera de parte a parte, que uma larga amisade parecia cimenta-la para toda a vida.

* * *

Peorou a mãe de Suzana, e a rapariga, unico amparo da pobre velhinha abandonou a loja pela cabeceira da doente.

Pouco a pouco, fiosito de ouro, as roupas, o que valia alguma coisa, foi, caminho do penhorista, e voltou em mil frascos de inuteis remedios. Até que um dia — esgotados todos os recursos, foram a empenhar—os sapatos!

Era um parsinho de sapatos reluzentes e novos— o seu luxo, a sua graça!—e lá foram na vertigem de todas as coisas, e ficaram, com uma etiqueta, abandonados, a troco duma cautela. Pela primeira vez nos lindos pés de Suzana entraram uns sapatos feios, cambaios, velhos, com o salto torto e a gaspia estalada — os sapatos da mãe!

Nada lhe custou mais! Chorou lagrimas dolorosas, dirse-hia que lhe escaldava nos pés aquele calçado, que a feria, a ela, que sempre deixara tudo por aquele capricho de se calçar bem!

* * *

Voltava a casa. Subiu o Chiado, rapida, evitando os olhares. Parecia-lhe que todos lhe reparavam nos pés agora mal calçados.

Entrou no Loreto, e, lesta, ia a seguir, quando os olhos, como irresistivelmente atraidos, fixaram a montra pequenina do dezenove. Era uma lojinha fresca e branca, muito lisboeta com o seu titulo elegante: «Sapataria modelo de Paris». Sobre o cristal um par de sapatos, bem lançados, elegantes, miudinhos,—para o seu pé.—ofereciam-se como uma joia de graça e de encanto ao seu olhar triste. E, longamente se poz a fixa-los, como se a suprema felicidade daquele conjunto fosse parar sobre esses saltos torneados e leves como Patinhas de aoveola...

* * *

Alguem se abeirava dela.

—Quer esse par de sapatos, menina Suzana?

—Eu, Senhor Elias...

—E, porque não... A sua mãe está melhor? Se quizer, eu compro-lhos... gosto de a ver bem calçadinha...

—E, chegou-se mais, a perturba-la com a promessa.

—Não, muito agradecida—Sr. Elias.

—E sua mãe não precisa de nada?

—Vou-lhe valendo como posso...

—Bem, não quer nada de mim...

—Passe muito bem, Sr. Elias...

—Adeus, menina Suzana...

* * *

E, voltou a casa, a morder uma lagrima. De que lhe servia ser seria? Mauricio gostava dela, mas pouco ou nada lhe podia dar. E, ali andava, despresivel como nunca. Deitou-se. Um sonho longo e bom a embalou. Voltou a ver a montra da Rua do Loreto, a montra dos sapatos lindos para os seus pés. Um grande letreiro os encimava. SAPATOS A 4 escudos!

E, quando de manhã o sol entrou no seu pobre quarto, encontrou-a com um sorriso doloroso a recordar a extranha actualisação de preços da sua fantasia nocturna...

* * *

Pois seria possivel?!

Não estaria alucinada a pobre Suzana?! E' que na pequenina montra da sapataria do *Loreto*, que ela em sonhos via, lá estava o extranho letreiro E, o misterio era simples. O dono da casa, inventara, um pouco á americana, o processo das senhas. Bastava ficar com quatro senhas, e passa-las—para se comprar um par de sapatos. Suzana, como louca entrou na loja.

—Aqueles sapatos! Aqueles sapatos!

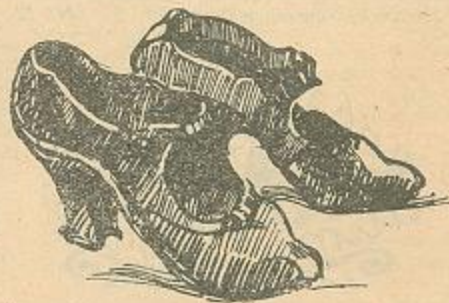
—Peço-lhe que m'os guarde, eu vou passar as senhas!

E, tanta alegria, tanta vivacidade, tanta eloquencia havia no seu olhar, que em meia duzia de horas Suzana, tinha passado a algumas amigas, as senhas dos seus sapatos.

Um raio de sol entrou então naquela pobre casa.

E, com ele talvez um raio de felicidade.

* * *

E, em duas linhas a vida se muda.

Eram aqueles sapatos deformdaos, da mãe, o seu horror e o seu tormento . . .

Trez dias esteve com uma cruzinha preta o estabelecimento do Chiado.

A viuva do Sr. Elias chamou Mauricio a gerir a casa. Melhor a mãe, Suzana voltou. E um dia os seus lindos pès foram á rua do Loreto, tirar medida para uns sapatos de setim branco, tendo Suzana recomendado:

—Que levem na fivelinha, flôr de larangeira...

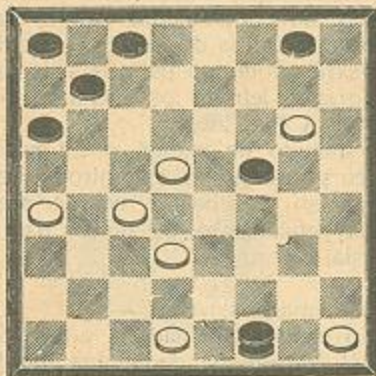
O Reporter Misterio

DAMAS

Solução do problema n.º 30

	Brancas	Pretas
1	18-23	27-18
2	10-15	18-2 (D)
3	19-23	2-13-22
4	23-30 (D)	28-19
5	30-21-3-12-26-17	
	Ganha	

PROBLEMA N.º 31

Pretas 6 p. 1 D.

Brancas 7 p.

As brancas jogam e ganham. Subentende-se que as casas tracejadas são as brancas.

Resolvêram o problema n.º 29 os srs. Artur Santos, José Brandão, J. Carmo, Rodrigo d'Oliveira (Torres Novas), Sarapico, Sargentos do 2 º B. A. C. (Oeiras-Medrosa), Um oficial (Penafiel) Xicatoino (Vila Viçosa) e José Magno, que nos enviou o problema hoje publicado.

—

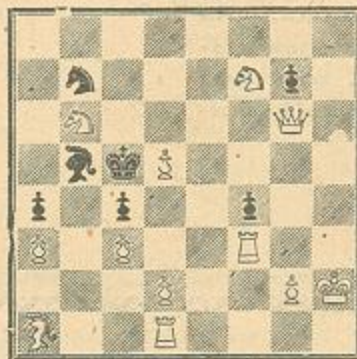
Toda a correspondencia relativa a esta secção, bem como as soluções dos problemas, devem ser enviadas para o «Domingo Ilustrado», *secção do Jogo de Damas*. Dirige a secção o snr. João Eloy Nunes Cardozo.

XADREZ

A correspondencia sobre esta secção póde ser dirigida a Pereira Machado, Gremio Literario, Rua Ivens, n.º 37

PROBLEMA N.º 31 (1.º premio)

Por Frank Healey

Pretas (7)

Brancas (12)

As brancas jogam e dão mate em tres lances.

—

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 29

1 D 4 T R

Uma chave muito elegante. Dá ao Rei preto as fugas para 3 R, 5 R e 5 B. D. com captura do C.

Se as pretas jogam R 3 R as Brancas dão mate com C 7 B D, mate modelo, pintura ou artistico por ser puro e economico. Puro porque as casas do terreno do R. Preto só são vedadas por um motivo e economico porque todas as peças concorrem para o mate com excepção do R. e do P. Tem mais trez mates modelos.

Este problema é um meredith, nome que se dá aos problemas que não têm mais de doze peças. O seu autor é van Eelde e não von Elde como foi publicado.

Recebemos a 2.ª Cahier Trimestral de l'E'chiquier Français. São extremamente interessantes os seus artigos sobre dois jogos celebres, La Bourdonnais, sensibilidade a regra inflexivel e suas curiosas aplicações, a Torre fantasma, a força instavel Monsieur Pilhafranco, curiosidades do taboleiro, partidas notaveis. problemas etc. etc. Director Gastan Legrain 14 Rue Rome Paris (8º) 3 francos e mais 20 centimos para o correio.

Agradecomos as palavras amaveis que nos foram dirigidas com a solução do Problema n.º 29 por Xicatoino de Vila Viçosa.

SECÇÃO A CARGO DE ***REI.FERA***

Decifrações do numero passado:

Logogrifo: Macrocosmos.
Charadas em frase: Miradouro. Paladino.

CHARADA EM VERSO

Vogavava serenamente
no Mondego a embarcação—2
uma ave, mui docemente—2
trinava, ao longe, uma canção.

LUSITANICUS

CHARADAS EM FRASE

Nota que é inutil procurares a moéda. 1-1

Safa, que já é azar! todo o peixe que pesquei no rio foi-me apreendido. 2-2.

DEMOCRITO

Foi alem na frasqueira que eu escondi o doce e de lá não consegues retira-lo com tua astucia. 2-3.

... Depois de esgotado o assunto, falou-me dum abcesso... 2-2.

SATURNO

Suspende! porque só o ignorante é trouxa. 1-2

Conduz o cadaver devagar porque é dum homem muito forte. 2-2.

D. FUAS

O meu excesso de pêlo provocou tanta alegria entre os assistentes a ponto de todos fazerem grande borborinho! 2-2.

Conheço um peixe que pode ser apelido de homem 2-1

REI-VAX

Estou triste porque o merceeiro nada me abona, e a isso devo o meu emagrecimento. 2-2

Como será feito um armario que num momento se transforma num vehiculo ? 2-2.

Na Babilonia é uso escalar-se com uma pedra este peixe. 1-2.

DÁ LICENÇA?

Em volta do barco de pescador andava saltando um pequeno animal que, embora de idade avançada, ainda era muito buliçoso. 2-1-2.

Gira em volta dum astro, esta planta. 2-1.

PANTAGRUEL

SINCOPADAS

3-Assim que principia a comichão dou logo uma esfrega-2.

3-Resulta uma porcario cosinhado assim, o peixe. 2.

REI-VAX

3-Toda a mulher se ruborisa quando recebe um [...]lhete. 2.

DÁ LICENÇA

ELECTRICAS

3-A minha mulher tem a mania cultivar esta espe[...] de coqueiro 2,

PIRILAU I[...]

3-Uma pessoa sensata não vai á serra... 2

LUSITANICUS

PROVERBIOS POR INICIAES

F. N. E. V. M. C. A. P.
3 1 1 3 1 2 1 5

CARA-LINDA

EM QUADRO

. . . . Homem
. . . . Homem
. . . . Homem
. . . . Homem

EM LUSANGO

. . . . Fazir
. . . . . . Arte
. . . . . Tumor
. . . . Monte
. . . Partida
. . Aqui
. Vogal

ZELIA BORGES

TIPOGRAFICOS

CARTA HOMEM

HOMEM O CARTA

NOTAS HOMENS

DR. SABÃO

Q NOTA T
k 100

PEREIRA RUIVO

INDICAÇÕES UTEIS

Toda a corresponpencia relativa a esta Secção de[ve] ser endereçada ao seu director e enviada a esta re[dac]ção.

Publicamos toda a qualidade de produções chara[dis]ticas, que nos forem enviadas, desde que obedeçam [ás] regras já sobejamente conhecidas dos srs. charadistas.

E' conferido o QUADRO DE HONRA a quem nos en[vie] todas as decifrações exactas, entregues até [...] dias após a saída dos respectivos numeros.

Os originaes, embora não publicados, não se re[sti]tuem.

Ao director desta Secção assiste o direito de não pu[blicar] originaes que julgue imperfeitos ou estejam fo[ra] das regras.

—

CORREIO

IRNOFADO.—O enigma que nos enviou é muito [im]perfeito, motivo porque o não publicamos.

Deve continuar até acertar...

REI-FERA

Folhetim do «Domingo Ilustrado» N.º 12

CAPITULO X

A CONSAGRAÇÃO

N'ESTA hora gloriosa da minha vida, quero fazer-lhes uma confissão: Eu sou uma besta!»

Uma prolongada salva de palmas cobriu o meu sentido discurso.

Levantaram-me ao ar, puzeram-me uma corôa de loiros e depois fomos tirar o retrato.

No dia seguinte fui nomeada professora da Escola da Arte de Representar.

* * *

Aqui findam as minhas Memorias. Nada mais tenho a dizer. Hoje, quando vou ao teatro, é ainda com infinita saudade que vejo as minhas colegas representarem.

De todas guardo uma terna simpatia e por isso, a todas eu dedico este meu livro.

Ele é, na singeleza do seu relatorio, não só a historia autentica de uma grande figura de teatro, como tambem, de uma maneira bastante expressiva, um esboço historico do teatro portuguez contemporaneo.

Que todas as que se sentem seduzidas pela ilhama dos vestidos e pelas palmas da claque, o leiam e aproveitem. Em seis mezes, seguindo á risca as normas que segui na arte, o teatro portuguez será apenas composto de divetes e cada palco uma ursa maior.

* * *

Como nota final, quero deixar alguns conselhos que muito hão de ser estimados por quem os aproveite.

CONSELHOS ÁS ACTRIZES
DA
MINHA TERRA

Antes de te dedicares ao teatro, trata de arranjar umas pernas gordas.

* * *

Se alguem te patear não faças caso. Diz que é gente dos outros teatros que foi lá de proposito.

* * *

Quando fôres em «tourneés» não queiras comodorias. Exige que a empreza pague diretamente ao hotel.

* * *

Quando quizeres mostrar bom coração, rapa de uma folha de papel, de uma caneta de tinta permanente e faz uma subscrição. Fazes figura e ainda podes ganhar dinheiro.

* * *

Nas noites de festa artistica compra por tua conta ramos de flores e pede a alguem que t'os envie durante o espectaculo. Dará a impressão que tens muitos admiradores.

* * *

A melhor maneira de provar que estamos bem de dinheiro é levar sempre bonbons para os ensaios.

* * *

Falta sempre que poderes aos ensaios. Isso dá categoria e as coristas é que pagam.

* * *

Falta sempre a recitas de beneficios de colegas. E' a unica maneira de seres falada.

* * *

Não digas a tua vida á tua costureira. Quando acaba a epoca, veem cá para fóra contar tudo.

* * *

Se alguma vez em scena escorregares, deixate cair e finge um desmaio. Todos terão muita pena e quando entrares de novo tens uma salva de palmas garantida.

* * *

Trata sempre o maestro por maestrozinho e quando entrares, dá sempre um beijo no ensaiador. Ficam muito contentes porque supoêm que os outros lhes atribuem certas intimidades.

* * *

Quando te chamarem para ir á scena rece[ber] as palmas, finge sempre que te estás a despir.

* * *

Quando fizeres um numero que agrade bas[tante], diz entre bastidores que gostavas que t'o tirassem. Dá assim um ar de modestia mu[i]to apreciavel.

* * *

Pelo Natal dá sempre dinheiro ao porteiro da caixa para não haver qualquer confusão com cartas.

* * *

Quando te repreenderem por qualquer mo[tivo], chóra se ainda não fores primeira actriz mas se já estiveres nesse calibre, rasga a [ta]bela e vai para casa. Antes da noite o empre[sario] virá pedir-te desculpas.

* * *

Quando uma empreza não te der um vale, ameaça-a de que não entrarás no segundo acto. Quando a costureira voltar, já traz o dinheiro.

* * *

Faz sempre vêr ás Emprezas que estás no teatro por favor. Aproposito de tudo diz sempre que não precisas d'aquilo para nada.

* * *

Quando quizeres fazer mal a uma colega, espalha que Empreza onde ela esteja, não ga[nha] vintem.

FIM

GRAFOLOGIA

o caracter revelado pela caligrafia

RESPOSTAS A CONSULTAS

TEREZINHA.— Imprecionavel, muito creança, otimismo, amor á musica e á dança. Generosidade, espirito sem complicações, ordem, alma enorme, um tanto voluntariosa.

EVANGELINA.—Relativa força de vontade, intuição, bom gosto, larga imaginação. Facil palavra, destinção, sabe ser ironica com espirito.

GIZELA. — Inteligencia pouco cultivada, egoismo, nervos indomaveis, reserva, afeição á dança. Espirito religioso, acessos de colera, economia e interesse.

A. B. C. D. E.—Boa força de vontade, ordem, generosidade bem entendida. Capaz de guardar um segredo até á morte. Amor á musica, forte sensualidade, otimismo. Emquanto ás perguntas: é valente e já o demonstrou, não é parvo mas tem pouca paciencia. A profissão... eu não adivinho, deduzo apenas... Mas... deve se militar.

RIBEIRINHA L.—Pouca vaidade e muito orgulhoso, força de vontade com intermitencias. Emaginação exaltada, otimismo e pessimismo. Amor, quasi paixão pela musica. Muita vontade de ser energico... mas só vontade, bom gosto artistico, gosta das mulheres pequenas.

AIVILO.—Ordem, economia, espirito de observação, domina-se bem e vai só até onde quer. Bom gosto pelo lar, inteligencia cultivada bem diplomata, apaixonada, frase espitiosa, boa memoria e pouca vaidade.

PRIMINHA SALOIA.—Boa força de vontade, bom gosto, ordem, aceio e boa administração. Amor aos livros, reserva, bons nervos bem dominados, amor á estetica, orgulho bem entendido. Assimilação intelectual, sensualmente cerebral.

UMA MULHER SEM IMPORTANCIA...—Que talvez seja homem... Força de vontade com rajadas de grande impaciencia, boa e cultivada inteligencia. Bom gosto, tenacidade, espirito ironico que chega ser mordaz. Ordem de objectos e desordem de ideias. Generosidade, ideias independentes, caracter inergico. Habito de mandar, egoismo ambição, orgulho intimo de si propria.

C. F. LOPES.—Vontade ferrea, sempre bem disposto e otimista porque tudo espera de si. Muito sensual, energico, generoso, prazer pela dança, ama a beleza em todas as suas manifestações. Esperto nos negocios, arrisca-se com sorte, facilidade manual, tem muitos amigos.

ARAUL — Bom coração, equilibrio moral, simples e dedicado. Muita dignidade sabe conservar-se dentro de uma linha invulgar, religioso sem exagero. Boa memoria que já foi melhor, ordem orgulho sem vaidade.

REIBOBI.—Vaidoso, trabalhador, gosta de romances, sonha muitas vezes acordado. Afavel, apaixonado, habilidade manual, bons nervos e muita sensualidade.

MARIO XXVII.—Inteligencia clara mal aprovêitada, boa memoria e excelente coração, Amor á dança, sempre boa disposição, gosta de todas as mulheres e de todos as quadras populares. Trabalhador, generoso, vaidade feminina e amor aos livros...

B. J. F.—Originalidade no trato, energia, mau caracter mas não mau fundo. Muitos nervos e muita sensualidade, bôa memoria, palavra facil e eloquente.

A. MARTA.—Fraca força de vontade, amavel, bom gosto, bondade de alma. Algo de impaciencia devida aos nervos, trabalha muito, religião sem exagero, generosidade.

NITA.—Caracter não formado ainda, bom coração, impulsiva e delicada. Não é muito religiosa embora tenha medo de o confessar, intuição, Tem por vezes muita vontade de brincar mas retrae-se, para não lhe chamarem creança.

PARSIFAL.—Grande imaginação, exaltada e romantica, bom gosto para tudo. Inteligencia intuitiva, generosidade moral e material. Boa memoria, facil verve, amor á discussão e á musica, nervos bem dominados.

RELIQUIA.—Muitos nervos e mal dominados, boa memoria e bom gosto. Inteligencia clara, é diplomata mas não por hipocricia, apenas para não maguar. Amor aos livros e ás flores.

M. SEU.—Leia o estudo anterior.

S. TOMÉ.—Boa força de vontade com a mania do contrario, ordem, boa administração espirito de justiça. Habilidade manual, ideias independentes, energia, amor á literatura. Capaz de guardar um segrudo, afavel, trabalhador, ganha dinheiro para gastar com gosto e satisfação. Pouca vaidade mas muito orgulho, é bastante sensual mas sabe dominar-se. E, como ninguem se conhece a si proprio, não julgue que fico esperando os cem mil reis que prometeu para os pobres...

A. G. DIAS.—Fraca vontade, otimismo, energia, vaidade e muita sensualidade. Amor á leitura, generosidade, reserva, lealdade e amor á verdade. Trato afavel mas não está sempre bem disposto.

FAGULHA.—Inteligencia cultivada, desigualdades de caracter devido á complexidade do cerebro que domina tudo. Amor ás sciencias e ás artes, nenhuma vaidade, amor á estetica e culto pela beleza. Ideias cristans (em teoria...) e não é feliz porque como é bom e não é ignorante, sofre.

MARIA JÁ SEI QUE QUERES.—Força de vontade, inteligencia assimilavel, generosidade que chega a ser prodigalidade. Amor á verdade, ideias sans e romanticismo. Amor ás creanças, sonha com grandes empresas que não executa.

PRETA MACACA.—Inteligente, amavel, espirito e vaidade. Gosta de ler muito e depressa, hom coração, amor á discussão. Boa memoria e impaciencia.

MARIA JOÃO.—Se acrescentar um pouco mais de energia ao estudo anterior, é o seu retrato vivo.

H. S. C.—Força de vontade, caracter calmo e bondoso com um pouco de acanhamento. Ordem, amor ao estudo, imaginação, sonhador, mas tem muito medo que os outros o saibam. Serviçal, generoso mas sabe administrar-se.

UM ALFACINHA DESTERRADO.—Trabalhador, ordenado, tem a mania de fazer espirito. Gosta de lêr mas não assimila, apaixonado e sensual. Sorte com as mulheres, generoso e economico... como convem.

ULPIANO.—Muito orgulho e pouca vaidade, nervos mal dominados. Reserva, constancia, ordem e economia. Fala pouco mas toma resoluções pesadas muitas vezes...

J. M. S. R.—Trabalhador, metodico, apaixonado, amor á leitura. Trato afavel, habilidade manual, ambição e boa memoria. Gosta de vertir bem.

STELIO.—Amor á leitura e ao trabalho, esperteza, vaidade e ideias claras e justas. Leal e constante, amavel, nervos bem dominados, de facil palavra.

MORA MIUDA.—Fraca força de vontade, espirito religioso, trato afavel, Ordem, inteligencia, bom gosto e energia espiritual.

SOMEL.—Muito orgulho e pouca vaidade, inteligencia clara, desconfiança. Bom matematico, nervos fortes e equilibrados. Ordem. deslealdade e á amor estetica.

URBAU.—Caracter impressionavel, pensador, bôa memoria, nervos vibrantes, espirito religioso. Pouco expansivo, curiosidade feminina, um pouco de vaidade e inteligencia clara mas lenta.

A DAMA ERRANTE

P. S.—A administração agradece qualquer quantia para os pobres.

Quer saber o seu caracter? As suas qualidades e defeitos? Envie seis linhas manuscritas em papel não pautado, acompanhada de um escudo para—*A DAMA ERRANTE*.

RUA D. PEDRO V, 18,—LISBOA

HORIZONTALMENTE

1—mamifero insectivoro 2—arbusto de adorno (pl.) 3—andar 4—pintor belga do seculo XVIII 5—adverbio de logar 6—Ilheu da AFRICA OCIDENTAL 7—terra de Portugal 8—trez letras de «FAZER» 9—terra de Portugal 10—operar 11—esgalha de uvas 12—terra de Portugal 13—cidade de Italia 14—uni 15—nome de homem 16—povo inimigo de Israel (Bib.) 17—trez letras de «ARESTA» 18—medida de capacidade do Japão 19—alinho 20—ermo 21—planta 22—explicativo.

VERTICALMENTE

5—cortais 8—move 10—cuidado 16—bebida 19—medida de superficie 21—duas letras de «DEIXAR» 23—preposição latina 24—costuma 25—fruto 26—apoio da lança 27—espaço 28—corrupção de «NÃO» 29—duas letras de «SONHO» 30—ave trepadora 31—apelido 32—previno 33—impeço 34—rio do Brazil 35—animal marinho 36—acção de espiar em francês 37—trez letras de «GRITO» 38—duas letras de «COBRA».

Decifrações do numero anterior

HORIZONTALMENTE

1—Aaiba 2—secas 3—tia 4—lia 5—ora 6 secares 7—do 8—leças 9—ti 10—Alto 11—pero 12—muge 13—Pele 14—soai 15—rala 16—ás 17—aacla 18—as 19—astroso 20 rio 21 aeb 22—dar 23—assaz 24—obeso.

VERTICALMENTE

1—Atada 2—Sara 9—trela 14—Sacra 19—aos 25—ai 26—ias 27—Alce 28—Cós 29—ar 30—sabio 31—iack 32—Elogias 33—Esperas 34—Olmos 35—Tua 36—ela 37—Acre 38—astro 39—atar 40—lobo 41—Ode 42—is 43—A's.

ROUGE-ROUGE (Lisboa).—Não acho muito conveniente o uso continuado de sais inglezes. Não se sugestione V. Ex.ª a esse ponto!

As suas crises nervosas passarão com os longos e descançados passeios matinaes, com a boa alimentação, e, desde que não paça de uma pequenina contrariedade, um cavalo de batalha. As nossas funções precisam ser regulares, e, para isso, impõe-se-nos que disciplinemos os nervos. Tudo é uma questão de metodo e de força de vontade.

ZÉ SEVERO (Lisboa).—Leia os nossos conselhos á M.elle Rouge-Rouge. Comtudo o seu caso afigura-se-me mais grave.

Tome 1 colher das de chá de «Bromidia Formosinho» pela manhã e outra á noite. Distraia-se, não se torne apreensivo. E se puder passar uns dois mezes no campo, aproveite este fim de verão. Far-lhe-ha bem. Agradeço os 5 escudos que me enviou para os pobres.

PANTALEÃO (Lisboa). — Ha muitos elementos que contribuem para formação de acido urico mas nunca os ovos.

O excesso do acido urico pode determinar a lesão anatomica das arterias.

Por experiencias feitas, julgo que seja o «Urol» o medicamento ideal para evitar a arterio-esclerose que tantos e justificados receios lhe traz.

ROSA LINDA (Porto).—1.º As injecções de «Dynamogenol» que está tomando são realmente recomendaveis para esses estados de abatimento e de depressão nervosa.

2.º Preferir n'este tempo os douches frios aos banhos quentes diarios.

N. O. V. O. R. (Lagos).—Deve ter sido uma stomatite. Pare com o tratamento mercurial por algum tempo, uns quinze dias.

Não tem necessidade de tomar 2 injecções de arsenico e de mercurio. Experimente depois os saes de «Oxycianol».

BLANCARD (Lisboa). — A «Morrhuoglycina combate satisfactoriamente o escrofulismo.

As creanças até, preferem-na ao oleo de figado de bacalhau pelo paladar que tem.

Mas um doente não se deve preocupar com o gosto do remedio, meu caro senhor: Não se tomam remedios por prazer...

ZAGALINO (Lisboa). — Emprega-se realmente o cloreto de calcio para fazer parar as hemoptises, os pequenos escarros de sangue. Mas se V. Ex.ª fizer uso constante da «Nuclecalcina adrenalinada», não terá necessidade de recorrer a esse ou a outros hemostaticos.

O que se torna preciso é recalcificar o organismo, equilibrar as forças que se vão adquirindo com os dispendios de energia.

Alimentação solida mas não superabundante. Bons ares, hygiene, metodo, e, coração ao largo.

VIGARIO FERRUGEM (Lisboa).—O xarope Famel. o creosota podem trazer complicações graves aos doentes de acidez, aos que sofrem de hypercloridria. As suas gastralgias devem ser provenientes d'esses remedios.

Para a bronchite, ainda o melhor que conheço, são umas tres colheres por dia de «Thyoformina» que nenhuma complicação lhe podem trazer.

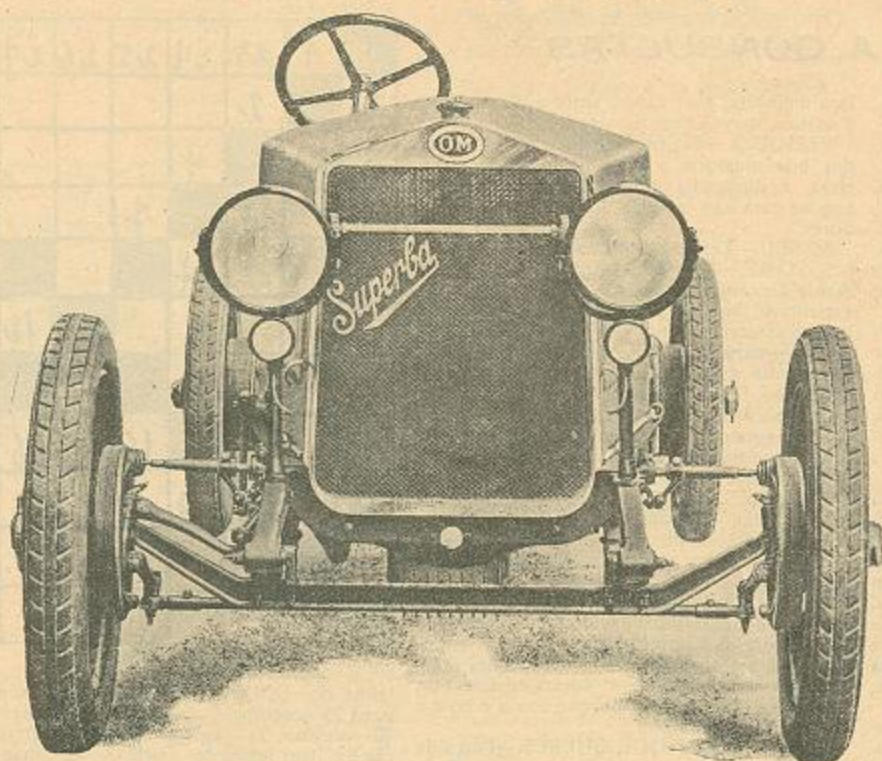
DR. XISTO SEVERO

P. S. A administração agradece qualquer quantia enviada paraos pobres deste jornal.

Actualidades gráficas

AUTOMOBILISMO

EMPREENDIMENTOS

O SR. MARIO RIBEIRO, inteligente director do «Bristol-Club», que promoveu um grande concurso artistico entre os pintores portugueses, acontecimento que marcou como exemplo de carinho pelas artes nacionais.

Um lindo modelo de automovel O M, o carro de melhor fabrico italiano, o unico que apresenta a maxima perfeição de mecânica e elegancia.

UMA GLORIA

BARBARA VOLCKART, notavel actriz, sobrevivente duma geração já desaparecida e que vai tomar parte nos espectaculos no nosso Teatro do Ginasio.

NO TEATRO

CARLOS LEAL, actor popularissimo e muito querido do publico que festeja agora trinta anos da sua vida de scena.

NO BRASIL

RUY CHIANCA, notavel dramaturgo ha bastantes anos emigrado no Brasil e que está fazendo na grande nação irmã uma obra de elevado e nobre patriotismo: a Revista «Portugal».

NO TEATRO

MACEDO E BRITO, um dos mais novos e arrojados emprezarios portugueses e cujas organizações teatrais teem sido coroadas de estrondoso exito.

PUBLICIDADE

A MAIOR TIRAGEM DE TODOS OS SEMANARIOS PORTUGUESES

O DOMINGO ilustrado

ASSINATURAS
CONTINENTE E HESPANHA
ANO – 48 ESCUDOS –
SEMESTRE – 24 ESC. –
TRIMESTRE – 12 ESC. –

ASSINATURAS
COLONIAS
ANO, 52$20 - SEMESTRE, 26$10
ESTRANGEIRO
ANO, 64$64 - SEMESTRE, 32$32

NÃO FAZ CAMPANHAS ~ PUBLICA TODA A RECLAMAÇÃO JUSTA ~ NÃO TEM POLITICA

Toda a gente pode ter um relogio de ouro de graça!

N'esta gravura está o numero **55**. Quem o marcar a tinta vermelha, preencher as duas linhas abaixo e entregar este exemplar na Rua Eugenio dos Santos, 55, fica habilitado ao sorteio de um relogio pulseira em ouro, oferecido pela casa Alvaro Pires, L.da

N.º ....

NOME ....

MORADA ....